

Um olhar emancipatório na literatura infanto-juvenil de Lia Zatz

Daniela de Oliveira
UPF)

Tânia Mariza Kuchenbecker Rösing
UPF

A literatura infanto-juvenil vem sendo, há algum tempo, objeto de estudo e de preocupação no meio acadêmico. Recentemente, criou-se a concepção de que ela é muito importante para o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes e não só como um recurso pedagógico. Atualmente, é importante a concepção de que o ser humano é um ser em desenvolvimento durante toda a sua existência. Assim, suas leituras podem servir também como suporte para o aprimoramento da linguagem, da sensibilidade, do simbólico, que sustenta a sua interioridade, além do enriquecimento de suas vivências no mundo.

Para isso, no entanto, será importante a formação de um leitor ativo e crítico, preocupado com o seu ambiente. É neste contexto que surge o modelo emancipatório, a exemplo das obras de Monteiro Lobato e Lygia Bojunga Nunes. A análise da Literatura Infanto-Juvenil como fator de emancipação da criança, neste estudo, basear-se-á nas obras da autora Lia Zatz, principalmente, *Suriléia-mãe-mostrinha*, *Tô com fome* e *O cachecol*.

Um estudo que dê atenção ao leitor não pode ignorar a literatura infanto-juvenil, que se particulariza conforme seu receptor: a criança e o adolescente. As primeiras obras destinadas a esse público, assumiam o caráter de preparação intelectual e moral das crianças, por isso, estavam muito ligadas à pedagogia. De acordo com Zilberman (ZILBERMAN E MAGALHÃES, 1987, p. 85), a relação com o destinatário é mais “aguda no texto infantil”, já que a dominação da linguagem pode se converter em “inclinação adultocêntrica” e deixar transparecer a índole educativa.

Inicialmente, a literatura infanto-juvenil, além da “inclinação adultocêntrica”, emitia normas da obediência absoluta à autoridade. A criança e o adolescente eram vistos como miniatura e, conseqüentemente, assim o era a

literatura destinada a eles. Neste novo modelo emancipatório, aparece o questionamento da autoridade, o contraponto ao individualismo, a valorização das diferentes culturas, a preocupação com os problemas sociais e a aceitabilidade das diferenças. A criança e o adolescente são vistos como um ser em formação, que deve desenvolver a sua liberdade, o seu papel no mundo, o seu crescimento, sem submissão. Eles deixam de ser passivos para serem sujeitos político-transformadores.

Um texto que produz avanços está centrado na busca da autonomia e, conseqüentemente, diz não às obras prontas que fazem o leitor apenas ler sem se questionar sobre o assunto e ficar simplesmente “viciado” em uma leitura fácil. É importante que o mundo do leitor seja manifestado no texto, que deve interrogá-lo sobre o que está vivendo e criar expectativas.

É dessa forma que o livro infantil não conhece fronteiras, como acredita Zilberman (1987), para quem é necessário cuidado, portanto, em relação ao real e ao maravilhoso. Na medida em que o maravilhoso se apresenta em uma narrativa preocupada com o realismo, ele precisa estar coerente com as possibilidades, ou seja, deve ser verossímil para a criança. Ao mesmo tempo, é importante salientar que há necessidade de diálogo entre o leitor e o texto, o que o levará à fruição de emoções, ao imaginário e à produção de conhecimento, e ainda à conscientização de valores frente ao convívio com o mundo.

Experiência e variação estilística

Com trinta livros de literatura infanto-juvenil publicados, vários deles premiados,¹ a paulista Lia Zatz vai de obras para crianças pequenas – livros menores, com pouco texto, com muitas ilustrações – a livros para crianças mais velhas, ou jovens – livros maiores, com textos mais longos, que podem ou não ter ilustração. São livros de ficção, informativos ou que agregam vários tipos de texto, ou seja, de diversos gêneros.

¹ No seu trabalho de escritora, ganhou duas vezes o Prêmio APCA de melhor autor de literatura infantil, já constou no White-Ravens, catálogo oficial da Biblioteca Internacional de Munique, ganhou Menção no Prêmio Internacional Espace Enfants (Suíça) e vários de livros receberam o selo Altamente Recomendável pela Fundação Nacional do livro Infantil e Juvenil

Lia Zatz² é graduada em filosofia pela Universidade de Paris-Nanterre, e pós-graduada em Ciências Políticas na Universidade de São Paulo. Morou por um tempo na França e depois voltou ao Brasil. Envolveu-se com movimentos sociais e, a partir de 1987, dedicou-se à literatura infanto-juvenil. Além de pesquisar muito para escrever, Lia Zatz também se envolveu com projetos de incentivo à leitura, voltados principalmente para as crianças pobres. Suas obras, portanto, distinguem-se à medida que vai publicando, recebendo características diferenciadas conforme se modifica sua postura como escritora. Em seus mais de vinte anos escrevendo livros, o amadurecimento profissional também é revelado nas obras.

Um olhar emancipatório

Na primeira obra analisada, *Suriléia-mãe-monstrinha*³ (1984), Suriléia é mãe de duas filhas muito exigentes, que sempre tenta dar atenção por igual às meninas. Porém, as filhas nunca estão satisfeitas e brigam para ter a atenção da mãe. Assim, Suriléia se vê dividida em duas, já que as filhas não aceitam uma mãe para ambas. No decorrer da história Suriléia se transforma fisicamente, tendo duas cabeças e dois colos. “A Margarida e a Violeta achavam superlegal ter em casa, só para elas, a Suriléia-mãe-monstrinha. Claro né? Era como se cada uma tivesse uma mãe só para ela!!!”. Depois de muito se divertirem, as meninas desejam a velha mãe de volta e logo aprendem a dividir o seu amor.

A história é contada através de um narrador em terceira pessoa. O livro é destinado a crianças entre quatro e seis anos. Com uma linguagem simples, e também muito aproximada da falada pelas crianças, busca prender a atenção dos leitores. Essa característica pode ser visualizada no seguinte fragmento: “Querem saber como é que a Suriléia virou Suriléia-mãe-monstrinha, e como ela deixou de ser a Suriléia-mãe-monstrinha para virar Suriléia mãe normal de novo? Foi assim...”.

² Informações retiradas do site da autora. Disponível em <http://www.liazatz.com.br>. Acesso em 15 fev. 2008.

³ Recebeu o Prêmio APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) de melhor autor de literatura infantil de 1984, e ainda, o Selo Altamente recomendável da Fundação Nacional do livro Infantil e Juvenil. Publicado também no México

Apesar de, em um primeiro momento, a obra deixar transparecer a dependência das crianças pelo adulto, no caso a mãe, no final, faz com que as duas meninas se questionem sobre não precisarem mais da progenitora em todos os seus afazeres, mostrando certa independência delas. “E resolveram se virar sozinhas, resolveram dar o maior gelo naquela mãe mixuruca”.

E assim foi até a hora de dormir. Brigavam, xingavam, batiam e apanhavam, chamavam a ‘MÃE’, até que resolviam conversar e dividir as coisas. Enquanto isso, a Suriléia só estava olhando. Tava um pouco chateada porque percebeu que as meninas não precisavam tanto dela assim, mas também estava feliz porque percebeu que elas conseguiam se virar e resolver os seus problemas sozinhas.

Entretanto, apesar da dependência das filhas perante a mãe, são elas que demonstram crescimento e sua potencialidade em serem independentes. E, ainda, exhibe a questão da igualdade entre adultos e crianças, quando as três sentem uma a falta da outra. As três foram colocadas em situação de igualdade. O crescimento das duas garotas fica bastante perceptível. De meninas birrentas e briguentas a meninas inventivas, responsáveis e independentes. A autora consegue criar uma forma de as meninas se questionarem sobre o que são perante o mundo à medida que apresentam capacidades iguais às do adulto, ampliando assim e renovando o seu ambiente de percepção. Apesar de elas terem sido colocadas como coadjuvantes na história, são elas que resolvem os seus problemas, apesar de deixarem claro que era por birra frente à mãe, situação típica de comportamento de crianças e adolescentes. Fica claro, assim, o modelo emancipatório.

Mas é a série “Ver-a-cidade”, da Editora Biruta, que surpreende. Ela mostra a intenção de tratar o livro como objeto a ser significado pelo leitor e, assim, despertar sua curiosidade e sensibilizá-lo para as leituras possíveis do texto, das ilustrações e do mundo. A série é constituída por três livros que apresentam duas histórias cada um, colocadas em lados opostos. São três livros de Lia Zatz: *Dona Magnólia Roxa - Ser ou não ser, eis a questão*, *Tô com Fome* e *O cachecol*. Neste estudo foram utilizadas somente as duas últimas.

O livro *Tô com fome* (2004) apresenta duas histórias sobre a jornada de dois meninos: um pobre e o outro rico. Até a metade do livro, é uma história e, virando-o, começa a outra, do lado contrário, em que é preciso começar a leitura do início novamente. Os textos são exatamente os mesmos, as semelhanças e as diferenças serão notadas pelo leitor através das ilustrações, que mostram o contexto em que os dois vivem. O personagem principal é um menino, primeiro o rico, depois o pobre. Eles têm os mesmos sonhos e desejos, a diferença está em sua origem e o percurso que cada um vai tomar. Apesar de vidas diferentes, o final mostra a proximidade entre eles e, até mesmo, o preconceito em relação à diferença social, que é vencido.

É importante destacar aqui a preocupação com o social e, ainda, do cuidado com a propagação da imaginação da criança de um modo geral, tão presente em todas as suas brincadeiras. Ocorre ainda a presença constante dos adultos em praticamente todas as cenas, que, de certa forma, é criticada pelos personagens e por eles sugerida como algo que os incomoda.

Puxa, como é duro o dia de uma criança! Gente grande pensa que é fácil, que é só brincar e brincar. E comer e dormir. Mas e inventar brincadeira nova toda hora? E ter que agüentar um adulto estragando tudo o tempo todo? Ah, não é moleza, não. Cansa. Os dois cansaram. O jeito era comer pipoca na frente da televisão.

O livro, para demonstrar realidades diferentes, também se utiliza de cores diferentes nas ilustrações. O interessante é que aquilo que diferencia um menino do outro é o boné que eles usam. A gravura do menino é a mesma. Mas o rico está com um boné vermelho escrito NBB, o que supostamente indicaria uma marca. O pobre utiliza um boné preto com alguns desenhos, como uma aranha, ferramentas (o que indica trabalho) e o símbolo de proibido. Outro detalhe é que, no primeiro, o boné é sempre virado para frente, e, neste último, sempre virado para trás - o boné como símbolo de moda independente de classe social. Enquanto o menino pobre imagina-se piloto de avião, brincando com um de papel, o rico imagina ser piloto vendo o avião pela tela do

seu computador. São esses detalhes que trazem beleza e sugerem outros sentidos à obra, além do texto muito bem construído.

Essa é uma obra que traz o mundo da criança para ser discutido. O posicionamento das duas crianças, acompanhadas de seus amigos, não estranha, como quando os quatro chegam a um campo de futebol para jogar juntos:

- Quer jogar futebol? – Quero. Onde? – Lá no campo da pracinha. – Só nos dois? É sem graça. Sempre tem mais moleques lá. – Com aqueles moleques eu não quero jogar. – Por quê? – São diferentes, sei lá, olham a gente atravessado. – Mas jogam bem. – A gente também joga. – Então? – Vam'bora!

Não há diferença entre um e outro. O que os distingue é a realidade em que vivem. A quantidade de dinheiro com o qual cada um convive. O texto é o mesmo. A ilustração da obra é que é diferente.

Apesar de haver elementos semelhantes nas ilustrações das duas histórias, a diferença se mostra em detalhes. Por exemplo, enquanto o menino rico vê televisão em casa, o outro assiste à mesma programação na loja de eletrodomésticos, sentado na calçada. Acredita-se, então, que esta obra é destinada a um público possivelmente juvenil, que entenda, então, esta diferenciação dos dois mundos.

O que também é destacado no outro livro analisado, *O cacheco*⁴ (2004), integrante da coleção. Este também é uma obra destinada ao público juvenil, e incorpora a narração em primeira pessoa do singular. A mudança da avó e da neta do sítio em que moravam para a cidade é narrada de formas diferentes pelas duas personagens, em primeira pessoa. Ao contrário da obra anterior, as ilustrações são semelhantes, tem o mesmo objetivo, mas são feitas de formas diferentes. A da avó é mais escura que da neta. A visão de uma é diferente da outra. Uma revela o medo:

⁴ Foi finalista do Prêmio Jabuti.

O morro não acabava mais de subir. Era um amontoado de casa, uma mais feia que a outra, todas com cor de nuvem antes da tempestade, cor de burro quando foge, pneu velho jogado aqui, cadeira estragada jogada ali, lata enferrujada jogada acolá. Coitada da menina, ter que morar num lugar desses, quando lá no sítio, sim, é que ela tinha tudo do bom e do melhor, tudo bonito, grande e limpo. Agora era a menina quem ia me puxando, eu não agüentava aquela subida, já tava arfando, pensei até que a me dar um troço ali no meio daquele morro” (versão da avó).

Já a outra, no caso a versão da neta, revela o entusiasmo frente à nova experiência.

O morro ia subindo que nem se fosse caracol, rodando e rodando. Cheio de casa, uma do lado da outra. Na frente de cada casa que a gente passava, eu via uma criança. Numa, tinha três meninas, assim, bem do meu tamanho, brincando de boneca; noutra, tinha dois garotos preparando uma pipa para soltar; numa terceira, uma menina em um menino tavam enchendo o pneu da bicicleta. Na mesma hora, eu já sabia que ia me divertir bastante ali. E pelo jeito que minha avó começou a andar devagarzinho, com cara de que tava querendo puxar papo com as comadres no portão, achei que ela também ia gostar” (versão da neta).

O texto varia. Mostra a visão de cada uma frente à determinada situação. Uma pensa e sente coisas muito diferentes da outra, apesar de verem a mesma coisa. Isso demonstra que cada pessoa vê, entende e vive as situações segundo suas próprias histórias de vida. O entusiasmo da neta frente à mudança, às novidades da vida da cidade. O medo da avó, assustada com o barulho, com o movimento. Uma pensa que a outra sente a mesma coisa que ela, o que não acontece. Sem contar que elas acabam indo morar em uma favela. A preocupação com a realidade social brasileira tem sido uma constante nos livros da autora. A criança/adolescente se torna, de certo modo, superior ao adulto, provocando o desenvolvimento, a ruptura.

Uma literatura questionadora

Nas últimas duas obras analisadas, *Tô com fome* e *O cachecol*, a ilustração possui uma importância muito grande, tornando-se uma das

responsáveis por fascinar o leitor-criança e adquirindo, neste momento, um papel de complementar a obra. São as ilustrações as responsáveis por enriquecer o texto e, conseqüentemente, a obra. É evidente que, para a sua leitura, exige-se um leitor um pouco mais adiantado em relação à alfabetização e à leitura, mas servem já inicialmente como um auxílio para o entendimento da história. É importante destacar que, para se cumprir esse papel sugerido pela ilustração, é importante que haja um mediador, que auxilie na decodificação de alguns símbolos bastante interessantes.

Por isso, é interessante reconhecer a evolução da autora em relação à ilustração. Em *Suriléia-mãe-monstrinha*, as ilustrações estão muito ligadas ao mundo infantil, às cores claras, e os desenhos representam a realidade. Em outras, utiliza ilustrações com formas mais abstratas, não tão definidas quanto na primeira.

É sabido que a partir da década de 70, o Brasil moderno e a crítica da sociedade urbana começam a ser reproduzidos na literatura, traduzindo os conflitos sociais, os problemas contemporâneos e outros. Desde muito cedo envolvida com as questões sociais, Lia incorpora-as em seus livros e traz à tona assuntos que, antigamente, não seriam tratados através do olhar da criança, como em *Tô com Fome*, em que as crianças ricas não se preocupam em estar no mesmo campo de futebol jogando com a criança pobre, ou vice-versa. Eles têm os mesmos objetivos e são iguais. Eles não se vêem como diferentes, portanto, a criança que o lê pode assim se considerar. Da mesma forma como nas obras *Tô com fome* e *O cachecol*, o leitor passa a ter consciência de que faz parte de um mundo que possui alguns problemas, e que ele pode ser um agente transformador. A criança e o adolescente passam a ser vistos como um ser em formação, ativo, que precisa se desenvolver com autonomia, responsabilmente.

Sabe-se que o modelo autoritário, no qual a criança é apenas o receptor de normas, submisso, deve dar lugar ao modelo emancipatório, que proporciona ao leitor um papel ativo para exercer a crítica e a transformação. Partindo desta visão, preconizada por Regina Zilberman (1987), acredita-se que Lia Zatz, na maioria de suas obras, evidencia a emancipação do leitor, como é o caso das histórias analisadas em *Suriléia-mãe-monstrinha*, *Tô Com Fome* e *O cachecol*, embora não seja uma conclusão definitiva, já que as

demais não foram alvo de análise. Lia Zatz não faz da teoria, caso da concepção emancipatória aqui analisada, o norte para toda a sua produção literária; diz ela que escreve histórias que interessem ao público infanto-juvenil. Suas obras devem produzir a leitura por prazer.

Referências

Entrevista com Lia Zatz, concedida exclusivamente para a realização do trabalho. Contato via e-mail em março de 2008.

ZATZ, Lia. Dona Magnólia Roxa - *Ser ou não ser*. eis a questão. São Paulo: Biruta, 2004.

ZATZ, Lia. *O cachecol*. São Paulo: Biruta, 2004.

ZATZ, Lia. *Suriléia-mãe-monstrinha*. São Paulo: Paulinas, 1984.

ZATZ, Lia. *Tô com fome*. São Paulo: Biruta, 2004.

Site Lia Zatz. Disponível em: <http://www.liazatz.com.br>. Acesso em 15 de fev. de 2008.

ZILBERMANN, Regina. MAGALHÃES, Lígia Cademartori. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. 3ª edição. São Paulo. Editora Ática. 1987.